

Abertura de telecomunicação é definitiva, diz FHH

É a seguinte a íntegra do discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso na abertura da Américas Telecom 96, ontem, no Rio de Janeiro.

Excelentíssimo senhor governador do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Marcello Alencar.

Senhor secretário-geral da União Internacional de Telecomunicações, Pakka Tarjanne.

Senhor ministro de Estado das Comunicações, Dr. Sérgio Motta.

Senhores ministros de Estado aqui presentes.

Senhores embaixadores.

Senhor presidente da Telecom, Jean Jippuep.

Senhor presidente do Conselho Consultivo de Telecomunicações Mundial, André Lebel.

Senhor diretor do Bureau de Radiocomunicações da União Internacional de Telecomunicações, Robert Jones.

Senhores empresários e representantes de empresas de telecomunicação.

Senhoras e senhores,

O significado deste encontro aqui no Rio de Janeiro é desnecessário que eu sublinhe, posto que as palavras do secretário-geral da União Internacional de Telecomunicações foram suficientemente vigorosas e amplas para mostrar a importância do evento, assim como as palavras do dr. Lebel. Além do mais, a própria presença maciça de representantes de delegações de tantos países e o fato de que a União Internacional de Telecomunicações tenha um número de membros superior ao número de membros das próprias Nações Unidas, por aí só, já é uma expressão do significado das telecomunicações no mundo moderno.

Aqui, as perspectivas lançadas e as análises sugeridas demonstram o que significa o desafio do desenvolvimento tecnológico e da unificação, se eu posso assim dizer, do planeta, através dos sistemas de telecomunicações. Faz muito tempo que o pensamento europeu começou a perceber que havia um mundo distinto, depois dos descobrimentos, sobretudo depois dos grandes pensadores, como Montesquieu, que, ao depararem com outras culturas, ao invés de se fecharem diante delas, temerosos de seus efeitos, perceberam que havia que descobrir as especialidades de cada cultura. Um famoso livro de Montesquieu, sobre os espíritos das leis, é disso que se trata, de como, em cada situação histórica, em cada forma cultural, define, por assim dizer, os conteúdos específicos das regras que vão dirigir os diferentes países. Cada sistema de leis é afim com um sistema sócio-cultural.

Pois bem, hoje, nós nos defrontamos, como costume repeter, nesse novo renascimento em que nós vivemos, em que o homem, outra vez, integra o planeta. Nós nos deparamos com uma situação um pouco diferente da situação que foi assimilada pelo grande pensamento pós-renascentista e que deu lugar ao reconhecimento das diversidades. Por que? Porque, hoje, nós temos que regular em nível mundial. Não se trata apenas de dizer que existem especificidades, como

no passado, e que, a cada sistema sócio-cultural, haveria uma legislação específica. Agora, nós estamos diante de um desafio muito maior, do ponto de vista, se eu posso dizer assim, filosófico, qual seja o de discernir de que maneira vamos ter regras que são gerais e que não nos seguem as especificidades.

Esse é o desafio dos senhores. Essa é a questão que está posta no mundo contemporâneo de que forma nós vamos, e precisamos, chegar a regulamentações, a definições, a conceitos, que, na sua globalidade, permitam a intercomunicação e, ao mesmo tempo, que desse processo, que é de homogeneização, não resulte, pura e simplesmente, o esmagamento daquilo que faz na vida própria de cada povo.

Se eu olhasse pela ótica do século XIX, que continua pelo século XX a dentro, nós diríamos que a primeira reação de um Estado racional seria o de se fechar. "Meu Deus, vem aí o grandê the big brother, que vai dominar tudo, que vai impedir que haja um espírito próprio em cada país". Como nós, hoje, olhamos para o século XXI, fazemos o oposto, aceitamos o desafio. Queremos, sim, participar, participar deste esforço enorme de regulamentar o sistema universal de comunicações. Queremos, sim, saber quais são as regras, de que maneira podemos, não só ajustarmos-nos a elas, senão que elas também tenham a flexibilidade para que elas possam se ajustar a eventuais interesses que sejam específicos nossos.

É com esse espírito, de um país que sabe do desafio do século XXI, que o Brasil recebe, hoje, essa reunião, esse congresso, aqui, no Rio de Janeiro, com o espírito de um país que, hoje, tem consciência das suas possibilidades, das suas limitações, naturalmente, e das suas obrigações internacionais e que sabe que ele é parte de um contexto mais amplo e que quer assumir a sua responsabilidade, nesse contexto mais amplo.

Provavelmente, muitos dos senhores reconheceram, viram — os que não viram, verão — o imenso esforço que foi feito neste país, país continental, país de expressão territorial imensa, de população escassa, por seu território maior, do ponto de vista das populações mundiais, e que foi capaz, bem ou mal, graças a seus técnicos ou graças à disposição muito definida de políticas públicas, de organizar um sistema de comunicações, de telecomunicações. Um sistema que, hoje, pode dialogar, sem receio, com o sistema internacional porque é composto por pessoas que têm competência técnica, têm probidade administrativa e respeito às decisões políticas, que são aquelas que emanam do povo e que se concretizam através das diretrizes que o governo oferece ao país.

Hoje, nós temos condições de participar desse desafio do mundo contemporâneo. E é com esse espírito aberto que nós estamos participando dele. Sabem todos os senhores que a decisão do meu governo, decisão embasada e aprovada pelas urnas e pela opinião pública deste

país, de efetivamente levar adiante um processo de abertura do nosso sistema de telecomunicações. Fazê-lo porque não tememos a abertura. Fazê-lo porque nós já temos a consciência da capacidade própria dos nossos técnicos, das nossas empresas e não temos porque não discutir, com absoluta tranquilidade, os desdobramentos do que venha significar a abertura do sistema de telecomunicações e do que venha significar o avanço no processo de privatização.

Freqüentemente, eu leio nos jornais — e os jornais ecoam as opiniões, naturalmente, não as inventam — que, quem sabe, estejamos um pouco lentos demais. Esquecem-se de que quem tem a responsabilidade pública tem que olhar a história e não o dia-a-dia. Tem que se ver se as decisões tomadas terão consequências positivas ao longo do tempo e não simplesmente para recolher o aplauso de um momento, daquele dia. E preciso olhar, com muita consciência, quais são os vários ângulos de um processo de transformação. Num momento de pressão, são conceitos subjetivos, o que eu posso lhes assegurar é que nós estamos marchando, com firmeza, com competência, na direção da recriação do nosso sistema de telecomunicações, em compasso com os desafios do próximo século.

Estamos aí com todo um programa de satélites; estamos aí com todo um programa de privatização na Banda B. Virá, depois, a banda a, ku, sei-lá-o-que, esses termos técnicos que embarçam um pobre sociólogo, que mal entende o que vem escrito sem simbologias gráficas, e, agora, é obrigado a discutir com o ministro Motta, que parece entender — e, pelo que todos me dizem, entende mesmo — de matérias tão complexas.

Mas o fato é que, sob a liderança do ministro Sérgio Motta, nós estamos dando um avanço imenso nessa matéria. Os que duvidavam da possibilidade de nós conseguirmos que o Congresso aprovasse uma lei, que nós vamos conseguir que aprove novas leis e vamos debater essas leis, porque somos democratas, porque acreditamos que não é possível tomar um rumo, sem que esse rumo seja, realmente, um rumo que seja embasado numa opinião mais ampla do que a opinião somente do governo. Mas, com a liderança do governo e com a liderança do ministro Sérgio Motta, eu não tenho dúvida nenhuma de que nós vamos levar adiante esse processo, tanto de abertura quanto de privatização, resguardando sempre aquilo que nos parece próprio do Estado brasileiro, do povo brasileiro, através do seu Estado, de ter a capacidade reguladora.

Regular não significa impor, regular não significa burocratizar, regular não significa fazer com que interesses políticos se introduzam, através da regulamentação, para impedir que haja o progresso tecnológico e para desvirtuar o bom desempenho das empresas, em função de benefícios políticos ou outros menos aceitáveis ainda. Regular significa definir normas que permitam atender à clientela — e a nossa clientela é o

povo brasileiro — que permitam atender aos interesses globais do país.

Este país, senhores que aqui se reúnem hoje, é um país que passa por um processo de transformação muito forte, muito forte mesmo. Só para lhes dar alguns pequenos exemplos, eu lhes diria: há quatro anos, nós tínhamos uma relação de comércio com o mundo de cerca de 50 bilhões de dólares. Hoje, temos cerca de 100 bilhões. Dobramos, em 4 anos. E isso não é nada, porque isso corresponde, em termos de exportação, a cerca de 8% do produto bruto do Brasil. Se nós calcularmos que o nosso produto é da ordem de 600 bilhões e que nós estamos exportando cerca de 50 bilhões, vamos ver que nós ainda temos uma economia altamente baseada no mercado interno, como é natural, com é próprio dos países continentais, como os Estados Unidos, como a China, como a Índia, como o Brasil.

Mas nós temos que ter sempre em mente esses números, números grandes pelo menos, para que nós possamos saber qual é a orientação. A orientação é que nós vamos continuar a capacidade de produzir mais, de aumentar o nosso comércio, nos dois sentidos. E isso é fundamental, porque foi através desse mecanismo que nós podemos controlar — não foi só ele — mas que nos ajudou enormemente a controlar a inflação, porque obrigou a aumentar a produtividade, dando uma referência para os preços internos.

Inflação; hoje, aqui, já é alguma coisa que se mede por um só dígito, já é alguma coisa que teve uma transformação, em dois ou três anos, radical. Desde 1993, como o Presidente Itamar Franco, quando eu assumi o ministério da Fazenda, decidi, junto com o Presidente, que nós iríamos enfrentar a inflação. Nós enfrentamos a inflação. Quantas caricaturas, meus Deus, quantas palavras vãs e quanto pessimismo, quanta tentativa de minar a possibilidade de esse país resolver seu maior problema, que está resolvido. Nenhum problema histórico se revolve para sempre. É preciso repetir sempre o cuidado com a inflação. Mas ela está sob controle.

Este país se prepara para taxas de crescimento muito importantes. Às vezes, ao me debruçar sobre os debates, eu fico pensando: mas, meu Deus, como as pessoas são apressadas, como falam sobre o que não sabem e citam taxas de crescimento tais ou quais, a partir de uma condição mínima para que o país possa crescer... Não é bem assim. O país precisa de um conjunto de ações, na modernização do Estado, de uma reformulação das práticas administrativas e acabar com o clientelismo, de ter condições de progresso tecnológico, de dar muita importância ao desenvolvimento científico, de dar educação primária, educação de base para a população. Nós precisamos de um conjunto — que estamos fazendo — de mudanças e mecanismos, para que isso, então, disso tudo resulte um crescimento sustentado, com uma taxa que será uma taxa compatível com o crescimento da nossa população. E a (...) demográfica no Brasil

teve uma velocidade imensa. O que a Europa levou num século, nós fizemos em duas décadas, para termos um perfil demográfico muito mais equilibrado.

E, portanto, nós precisamos encarar o futuro com esse otimismo, o otimismo de quem olha os grandes números de estrutura, de quem percebe quais são as tendências, de quem sabe, não porque intui, não porque pensa que apenas a vontade política resolve tudo, porque não resolve, mas porque sabe que o país, no seu conjunto, está mudando. É essa, se me permitem dizer aos senhores, a grande mensagem que eu gostaria de deixar aqui. O que está acontecendo aqui é que a sociedade, no seu conjunto, mudou. Ora é uma sociedade que mudou, uma sociedade que se comunica. É uma sociedade que necessita de mais informações. É uma sociedade que tem que ser aberta, dentro e fora, para dentro e para fora. É uma sociedade, portanto, que depende do progresso tecnológico e depende, sobretudo, nessa área do desenvolvimento das telecomunicações.

Nós estamos criando hoje, na América do Sul, sobretudo no eixo do Mercosul, um espaço extraordinário para o próximo século. Se me permitirem uma incursão em política exterior, porque talvez não seja o local adequado, eu diria que nós podemos encarar o próximo século com tranquilidade, dizendo que haverá, no mínimo, 4 grandes zonas de humanismo. Uma na União Européia, outra dos Estados Unidos, no mercado com México e Canadá, o outro é o que aconteceu no Japão, um pedaço da China e no sudeste asiático. E o outro é o sul da América do Sul. E esse sul da América do Sul não é só o sul, ele se estende. A Venezuela está ávida por participar desse processo também. Alguns países andinos se preparam também para isso. E o Chile, eu espero que brevemente, em junho, daqui a duas semanas, assinar, na Argentina, um acordo especial entre o Mercosul e o Chile. E, quem sabe, na próxima rodada, quando eu vier a ser presidente do Mercosul, possa fazer, como o Presidente Menem está fazendo com Chile, fazer com a Venezuela uma integração do mesmo gênero.

Estamos, portanto, nos reorganizando. E organizar esse espaço para o próximo século, significa organizar a sua infra-estrutura, significa organizar seu sistema de comunicações e significa assinar o espírito dos povos que vivem nos espaços do mundo, para que este mundo tenha, como há séculos se mantém, em paz e com vontade de progresso.

É diante disso que nós, humildemente, brasileiros, sabemos da nossa responsabilidade diante dos desafios, e temos também a convicção de que podemos enfrentá-los. E que para enfrentá-los vamos crescer no (...) nossa economia, vamos com muito afinho manter um controle da inflação e fazer o que é essencial, aumentar a distribuição da renda.

Se houve um motivo que me alegrou nos últimos tempos, foi a pesquisa re-

cente feita que mostrou que nas 6 principais cidades do Brasil, depois do plano de estabilização, cerca de 5 milhões de pessoas ultrapassaram o nível de pobreza. Deixaram de estar abaixo da linha de pobreza, porque a própria política econômica contém, conteve em si elementos de distribuição de renda, e todos os dados de que dispomos, todos, sem exceção mostram que nos últimos anos nós estamos assistindo, não só, a retomada da confiança em termos de estabilidade da moeda, das perspectivas de crescimento, do investimento só este ano (...) não menos que 6 bilhões de dólares de investimentos diretos do Brasil, não só isso, mas o que é mais importante do que isso, é que ao contrário de modelos passados, nós estamos ao mesmo tempo fazendo com que haja a possibilidade de aumentar a capacidade de compra e introduzindo no mercado de consumo milhões de famílias. O último cálculo que eu vi dizia que se nós persistirmos, como persistiremos neste rumo, nós vamos ter daqui por diante, ingressando no mercado de bens duráveis de consumo, cerca de 12 milhões de famílias. Doze milhões de famílias, no caso nosso são cerca de 60 milhões de pessoas.

Os senhores sabem calcular melhor do que eu, são versados em números, sabem o que significa isso em termos do potencial de telecomunicações. Saibam que ao mesmo tempo que existe esta base de infra-estrutura que cresce, essa volta da confiança num país, isso faz com que nós precisemos de revoluções no plano tecnológico, para atender às demandas de telecomunicações, lá longe, nas regiões mais distantes e nos centros super povoados.

E disse bem o senhor secretário da (...) internacional, não é a questão da distância, do isolamento que via impedir que exista a possibilidade de uma verdadeira revolução nas telecomunicações. E não será por isso que setor privado, ao entrar nas telecomunicações, deixará ao abandono essas regiões. Mesmo porque, o setor público estará sempre atento para impedir que isso ocorra e tornar as (...) necessárias para que, desse processo de privatização, resulte não a concentração dos benefícios do progresso tecnológico, mas, ao contrário, a sua difusão crescente.

Perdoe-me, se me referi com tanta insistência ao caso brasileiro e se fiz, de justiça, fiz referência não só a todo o setor brasileiro de telecomunicações, como ao ministro Motta que hoje está conduzindo, e a ambos eu solicito. Perdoe-me se me estendi nesta matéria, porque tenho certeza que o que disse sobre o Brasil, poder-se-ia dizer sobre muitos países, sobretudo sobre os países do Cone Sul. É há uma famosa frase de um autor alemão chamado Marx que, ao falar sobre a Inglaterra, dizia para os alemães, que ele escrevia a Inglaterra com cores pessimistas (...) escreve o Brasil com cores otimistas, mas usa a mesma frase para definir os demais países (...) que em latim quer dizer "eu estou contando a história de vocês e não só a minha".

Muito obrigado.